

POTÊNCIA TRANSFORMADORA PLURALISMO E PERSPECTIVISMO¹

Amnéris Maroni,² São Paulo

amneris@plugnet.com.br

Comecei a ler Christopher Bollas em 2005; iniciei esse caminho pelo seu mais famoso livro, *A sombra do objeto – psicanálise do conhecido não pensado*.³ Já nesse primeiro mergulho, me dei conta de que lia um autor que estava a me contar algo além de conceitos psicanalíticos. Os temas ali propostos, o jeito de escrever, a estética bollasiana começaram a produzir efeitos transformadores que nunca tinha sentido com nenhum outro autor da psicanálise, nem das ciências sociais ou da filosofia. Bollas guardava com sua escrita um segredo, uma magia, uma alquimia. Fui fisgada.

Continuei lendo Bollas e muito atenta ao que passei a chamar “magia da sua escrita”, espécie de poção mágica que estranhamente abria as portas da minha percepção. Fiz um blog chamado *Por que Bollas?*⁴ e continuei minha caminhada com o psicanalista. Lia, estudava seus livros, escrevia sobre seus temas, e organizava grupos de estudo para pensar Bollas. A pergunta continuou, porém, a mesma: qual é o segredo dessa escrita? Fui dando respostas, sempre parciais.

Neste testemunho, ofereço essas respostas.

A primeira delas, penso, é a pluralidade teórica do autor, que lhe permitiu construir e dar uma “solução” criativa ao perspectivismo. Desde o início da minha jornada intelectual, me encantei pelos perspectivistas e deles me aproximei com entusiasmo. O perspectivismo se opõe ao universalismo e sempre me pareceu uma chave preciosa do ponto de vista epistemológico. F. Nietzsche fez o século 20 brilhar assim. W. James, o pragmatista americano, foi também o guardião do perspectivismo. C. G. Jung, herdeiro de ambos, também considere grande parceiro.

Antes deles todos, Leibniz, no século 17, construiu um perspectivismo cósmico.

1 Este texto é uma introdução à entrevista de Christopher Bollas. Agradecemos a autora por disponibilizar este material, Amnéris é uma profunda conhecedora do trabalho desse importante psicanalista.

2 Professora doutora em antropologia, pós-graduada em ciências sociais. Fundadora do canal *Compondo com Gaia* e do blog *Por que Bollas?* Autora de diversos livros, entre eles, *A estratégia da recusa* (Brasiliense, 1988), *Jung o poeta da alma* (Summus, 1998), *O terror de ser deixada* (2022).

3 Na versão original, *The shadow of the object* (1987).

4 Disponível em <https://porquebollasblog.wordpress.com/>.

Vendo na pluralidade e no perspectivismo ferramentas preciosas contra o universalismo, cultivei-os. Como os leitores podem constatar, são, contudo, poucos os perspectivistas ao longo da tradição racionalista e universalista do Ocidente. Na psicanálise – até onde a compreendo – o perspectivismo não fez morada. Por isso, quando encontrei Bollas e, com ele, o pluralismo e o perspectivismo que parecem ser intrínsecos em cada uma de suas páginas, todos meus afetos se mobilizaram.

A “solução”, entretanto, que Bollas deu ao perspectivismo é única e preciosa na área psi e na psicanálise como um todo. Bollas expôs seu perspectivismo em um artigo chamado “O que é teoria?”, no livro *O momento freudiano* (2024, pp. 127-147), recentemente publicado pela Editora Nós. A teoria, para ele, é uma percepção, uma fresta de sentido sobre o humano, e, então, quanto mais percepções/teorias internalizarmos, mais nossa clínica se torna plural. Caminhando assim, a sabedoria se impõe na clínica, já que, para Bollas, a diferença é o elemento que permeia seu pluralismo perspectivista.

Ora, hoje, sabemos, nessas duas décadas e meia do século 21, que a epistemologia bollasiana é exigência no contemporâneo, no sentido que Giorgio Agamben (2008) dá a esse termo no livro *O que é o contemporâneo?: não é pertencer ao tempo presente, em uma serena pertinência; ao contrário, trata-se de cultivar em relação ao presente um certo descolamento, uma discrepância, uma espécie de tensão, para não dizer fricção; os que coincidem plenamente com sua época não são contemporâneos, pois não conseguem enxergá-la. Quando se é contemporâneo, habita-se numa espécie de fenda, numa cesura da/na vértebra do tempo, grávida de possibilidades existenciais, aberta para as forças que devêm, mas ainda não estão presentes. É aí que moram os poetas, os artistas. Bollas, artista e também psicanalista, habita essa fenda.*

Ora, é da ordem desse contemporâneo uma epistemologia perspectivista, que alcance, até mesmo, além da ontologia naturalista ocidental, Justiça Epistêmica – é o brado que escutamos vindos dos povos originários, quilombolas, feministas... O que Bollas constrói no artigo “O que é teoria?” atravessa toda a sua obra e não por outra razão é, para mim, um dos segredos dessa “poção mágica” inscrita na leitura de seus livros. Os que são pluralistas e perspectivistas sentem-se em casa, pois, com Bollas, encontram um campo afetivo de forças que está a ganhar caminhos no século 21.

Formas inteligentes e o espírito de um lugar

A segunda resposta, sempre parcial, está escondida no que Bollas compreende por “formas inteligentes”, outra pérola de seu pensamento, que nos permite ir longe em busca da singularidade e da comunicação sem palavras.

A visão aristotélica de mundo nos impõe partir dos seres já individuados; raros são os psicanalistas que se baseiam no campo que possibilita a individuação. Faremos essa inversão do raciocínio nesta segunda resposta parcial e, com isso, extrairemos sentidos escondidos presentes na teoria bollasiana. O artigo de Bollas a ser pesquisado é “Teoria da mente” (1989/2016), publicado na revista *Percurso*.

Bollas, nesse artigo, pressupõe dois tipos de inconscientes: o recalcado pessoal, trazido à tona por S. Freud, e o inconsciente da espécie, tendo como paradigma “A interpretação dos sonhos” (1900/2019), o qual, de acordo com Bollas, foi rapidamente abandonado.

Por meio das operações do inconsciente inscritas no trabalho do sonho – processo primário (especialmente a condensação, o deslocamento, a substituição e a simbolização) e processo secundário –, a personalidade humana se faz, e, então, a “inteligência enquanto forma”. A vida mental do self oscila entre a concentração em um tópico particular (uma ideia, um plano, um exercício) e estados de reverie, nos quais tais concentrações são disseminadas ao longo de diversas linhas de pensamento que se entrecortam e se abrem ao infinito. O trabalho incessante dessa oscilação se torna um “trabalho em rede” da mente, “rede psíquica viva”, alimentada pela pulsão de vida, compondo na vida adulta milhares e milhares de concentrações-disseminações. Segundo Bollas, tal rede é o ego inconsciente e, com a passagem do tempo, reflete a particularidade de qualquer idioma individual da “vida incipiente”. Ela é o caráter da inteligência desse aspecto do inconsciente cuja teorização adequada Freud negligenciou em seus trabalhos posteriores, sendo “A interpretação dos sonhos” ainda a sua melhor formulação. É o ego inconsciente – ou inteligência enquanto forma – o responsável pela construção particular de qualquer sonho, pela transformação das impressões sensíveis em ideias a respeito da realidade, pelo controle dos devaneios e pela distribuição socrática das dialéticas entre o “eu” e seu retórico “você” no diálogo interno humano. Essa inteligência da forma distingue uma mente da outra e seu verdadeiro caráter. A gramática do inconsciente é singularizada pelas relações e processos, tornando-se a gramática singular da personalidade.

É essa “forma inteligente” que nos impacta nas relações intersubjetivas, interformais e inter-formas. Frisemos: essa forma inteligente é sinônimo de

singularidade e é enquanto tal uma crítica à “primazia da forma” aristotélica, universal e eterna. Na genialidade de Bollas, a “forma inteligente” compõe a singularidade, o caráter, o personagem, o idioma pessoal e, também, se transforma; se trans-forma no impacto com outras “formas inteligentes”; se comunica sem palavras com outras “formas inteligentes”. Uma cerimônia de adeus ao aristotelismo que contornou e contorna as mentes ocidentais.

Quem me lê pode se impactar com a minha forma, tal como eu me deixei impactar e transformar com a forma inteligente, com o idioma pessoal de Christopher Bollas, através dos seus escritos, dos seus livros. A inter-formalidade e a trans-formação pela forma é outra maneira de dizer a “magia da escrita” bollasiana, sua alquimia, que trans-borda nele e dele.

O psiquismo do bebê se constitui tendo presente a gramática do inconsciente da espécie, a partir de uma miríade de relações de mãe-pai-bebê, o *conhecido não pensado*. O self verdadeiro, esse potencial herdado, e o ego ganham presença e contornos por meio das relações e dos processos e, então, brotam: de um lado, a mãe e, de outro, o bebê. Da *relação* mãe-bebê brotam os termos. Sabemos hoje, graças à biologia genética, que o potencial herdado – como D. Winnicott designava o self verdadeiro – não segue um padrão de cópia e/ou de repetição, como a noção de hereditariedade ainda presente em nossa mente insiste em apontar; o potencial herdado, de acordo com a biologia genética, é “diferença pura” e, como tal, é singular e único. Esse potencial herdado ganhará contornos por meio das relações mãe-bebê e dos processos inscritos na mãe – objeto transformacional.

Fusão entre mãe-bebê e, com ela, ressonância, comunicação e transformação. Bollas chama de *momento estético* parte importante do *conhecido não pensado*, experiência precoce anterior a nosso conhecimento da mãe como um objeto propriamente dito. É o momento sagrado. Dizendo de outra maneira, o sagrado precede o materno. O “espírito de um lugar” escrito de Bollas nos enternece pela beleza, mas também pelo refinamento desse pensamento. O ambiente mãe, para Bollas, não é objeto, mas processo. Ainda:

o bebê vivencia a mãe como um processo que transforma o seu ambiente interno e externo, mas não sabe que esta transformação é parcialmente possibilitada pela mãe. A experiência do objeto precede o conhecimento do objeto. O bebê tem o sentido do extraordinário, pois convive com o espírito de um lugar, cuja origem não é identificável.

É o “espírito de um lugar”, esse momento estético e sagrado, que possibilitará a cada um de nós fazer experiências significativas “do berço ao túmulo”. Não estaremos buscando objetos; antes, estaremos buscando esse processo que antecede o objeto transformacional e que permite rememorar o brotar da vida em nós. Esse lugar não identificável, sagrado, chamado Vida.

Aliás, de novo, a contemporaneidade de Bollas se faz presente, pois todas as ciências de ponta estão a se abrir para processos e relações que, digamos assim, têm como paradigma a Vida. A psicanálise bollasiana exige as lentes da diferença e da singularidade. Tais lentes também são parte da magia bollasiana, já que estão a evocar a personalidade daqueles que se veem exauridos pelo universalismo e por uma certa régua normativa presentes na área psi.

Objetos evocativos e epifanias

Outro segredo dessa magia inscrita na obra de Bollas, e que exige de nós leitores muito refinamento, refere-se à relação entre self verdadeiro e o mundo dos objetos, nosso mundo próprio. Sabemos há muito que os instintos, as pré-concepções, os arquétipos, os potenciais herdados são formas de conhecimento, chegamos munidos de conhecimentos da espécie, também inscritos na “diferença pura” de cada singularidade. Para Bollas, o self verdadeiro é, para me valer de uma feliz expressão de Sarah Nettleton, robusto, e vai à luta sem precisar de uma defesa, que D. Winnicott chamou de falso self. E, então, esse verdadeiro self, para Bollas, evoca e organiza seu mundo objetal, seu mundo próprio. Também seleciona seu mundo pulsional, amor e ódio. Claro que não é o bebê e seu potencial herdado que fazem isso sozinhos! É a mãe, essa grande facilitadora, que oferece, no dizer apropriado de Winnicott, “pedacinhos de mundo” para o seu bebê. Mas é ele, o bebê, na compreensão de Bollas e em função do conhecimento que traz consigo, quem evoca, seleciona e organiza seu mundo próprio. É no espaço potencial que o bebê cria mundos, seu mundo próprio e seu destino.

Esse poder evocativo dos objetos permite o desdobramento do self; como diz Bollas em uma preciosa entrevista, o self se desdobra do “berço ao túmulo”. Um livro, um filme, uma borboleta podem evocar o self verdadeiro, e então o desdobramento será coroado pela *jouissance*, uma emoção peculiar que acompanha esse acontecimento. Epifania. Tal experiência se dá no exato encontro e momento em que o self verdadeiro está pronto para desdobrar-se e aparece o objeto evocativo. Poderíamos chamar esse encontro de *emergência*, comum também a outras ciências de ponta hoje.

Não preciso insistir em que a obra de Bollas pode ser esse objeto evocativo, a “forma inteligente” que coincide com os desdobramentos dos nossos selves. Foi assim comigo, e pode ser que vocês, leitores, venham também a sentir *jouissance*, no encontro com os escritos de Bollas, testemunhando a magia que estou tentando descrever. Uma experiência e tanto...

Lia Pitliuk, psicanalista, companheira de encantamentos, fez uma live no canal *Compondo com Gaia*, e escutando-a meu coração abriu-se ainda mais para os escritos de Bollas. A live poderia se chamar “A experiência de ler Bollas”. Junto com os ensinamentos de Lia, entendi que a melhor tradução de Bollas é movimento e trânsito. Não podemos, como leitores, nos sustentar em um pilar quando o vemos, pois, compreendido um conceito, todos os *outros* se movimentam e ganham novos significados na nossa mente. A obra inteira se diz assim: movimento, trânsito e transformação incessante. É mágica e alquímica (Pitliuk & Maroni, 2024).

Referências

- Agamben, G. (2008). *Qu'est-ce que le contemporain?* Payot & Rivages.
- Bollas, C. (2011). Character and interformality. In C. Bollas, *The Christopher Bollas reader*. Routledge.
- Bollas, C. (2015). O objeto transformacional, O espírito do objeto como a mão do destino. In *A sombra do objeto – psicanálise do conhecido não pensado*. Escuta. (Trabalho original publicado em 1987)
- Bollas, C. (2016). Teoria da mente. *Percurso* [revista]. <https://porquebollasblog.wordpress.com/2016/08/07/entrevista-de-c-bollas-narevista-percurso/>. (Trabalho original publicado em 1989)
- Bollas, C. (2017). Christopher Bollas e a "elaboração do self: experiência e singularidade. Entrevista com Anthony Molina (J. P. Ayub, Apres.). *Por que Bollas?* [blog]. <https://porquebollasblog.wordpress.com/2017/09/11/christopher-bollas-e-a-elaboracao-do-self-experiencia-e-singularidade/>. (Trabalho original publicado em 1997)
- Bollas, C. (2021). *Forças do destino*. Escuta. (Trabalho original publicado em 1989)
- Bollas, C. (2024). O que é teoria? In C. Bollas, *O momento freudiano* (A. Maroni, Org.). Nós.
- Bollas, C. (s/d). *O mundo dos objetos evocativos*. Nós [no prelo].
- Freud, S. (2019). A interpretação dos sonhos. In S. Freud, *Obras completas* (Vol. 4). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1900)
- Nettleton, S. (2017). Idioma, Objetos evocativos. In S. Nettleton, *Metapsicologia de Christopher Bollas*. Escuta.
- Pitliuk, L. & Maroni, A. (2024). Christopher Bollas e o século 21. <https://www.youtube.com/watch?v=n9aG4RT2V0k>